

UM CONTISTA DA TERRA

Rogério Santana¹

Sertão sem fim

Bariani Ortencio

Goiânia: Editora UFG, 2011, 260 p.

A Editora UFG traz a público a terceira edição do livro de contos *Sertão sem fim*, de Bariani Ortencio. Publicado pela Livraria São José em 1965, depois de *O que foi pelo sertão* (1956) e *Sertão, o rio e a terra* (1959), a primeira edição trouxe duas particularidades que merecem destaque: o prefácio do crítico português Adolfo Casais Monteiro, intitulado “Um contista goiano”, e o glossário, elaborado pelo próprio autor.

O prefácio, na verdade, é um artigo de jornal publicado n’*O Estado de S. Paulo* e no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em julho de 1959, no qual o crítico aborda o livro de contos *Sertão, o rio e a terra*. Em face dessa condição, a reprodução do texto como prefácio atende mais à visão sobre o autor do que sobre o livro *Sertão sem fim*. É por isso que não se pode estranhar a inclusão desse artigo de um dos maiores críticos do modernismo português, correspondente privilegiado de Fernando Pessoa. Entende-se melhor a inserção do prefácio já na primeira frase do texto. Depois de iniciar dizendo que sua geração “formou-se numa quase geral repulsa pelo regionalismo”, o articulista delimita a importância da narrativa de Bariani Ortencio, atribuindo a ele uma “fidelidade” ao narrar histórias que o colocam na condição de autor que ultrapassa os limites de um regionalista.

¹ Professor adjunto da Faculdade de Letras da UFG.
E-mail: <rsantos@letras.ufg.br>.



Casais Monteiro veio para o Brasil em 1954, após a proibição de exercer o magistério em Portugal. Aqui desenvolveu atividade intelectual como poeta e crítico, atuando principalmente como professor no estado de São Paulo. Seu artigo “Um contista goiano” demonstra o cuidado que ele tem em revelar o que há de positivo na obra analisada. Sem nenhum constrangimento de ser injusto, aponta que os contos “A vantagem de ser analfabeto” e “Tropeiros”, pela imaturidade narrativa, revelam “uma maneira desastrada de narrar”, ao mesmo tempo em que o conto “Iniciação” revela uma “sóbria autenticidade”. Dessa maneira, iluminando pontos positivos e negativos dos contos do segundo livro de Bariani Ortencio, o crítico vai se distanciando das análises preconcebidas sobre o regionalismo, para apontar os valores literários presentes nas narrativas do então jovem escritor paulista.

Mesmo considerando o valor do texto de Casais Monteiro para aquele momento de afirmação do contista, nesta edição de *Sertão sem fim*, ele figura como posfácio. Num julgamento sem parcialidade, a Editora UFG chegou à decisão de que, pelo fato de o artigo não apresentar propriamente esta obra, não caberia mantê-lo como prefácio, ficando a nova condição respaldada pela importância do texto como apresentação do autor.

A segunda particularidade, o glossário posto no fim do livro na primeira edição, foi uma iniciativa do autor, cujo resultado contribuiu, mais tarde, para a composição do *Dicionário do Brasil Central* (1983), também de sua autoria. Em obra anterior, ele já havia publicado um conjunto de vocábulos sob a designação “Elucidário”.

Retirado da segunda edição (Editora UFG, 2000), nela não há menção alguma à ausência do glossário. Com certeza se julgou que a publicação do dicionário era suficiente para subsidiar a leitura dos contos. Entretanto, por acreditar que a fluência da leitura depende da própria obra, para esta terceira edição, retornamos parte do glossário, transformado em notas laterais. Justifica essa inclusão, com alguns acréscimos, o interesse que agora a obra desperta. Passados 46 anos da publicação original, o regionalismo chama atenção pelos seus aspectos histórico e antropológico. Os contos, portanto, são registros de uma época, cujos traços culturais já foram em boa parte modificados. Sua estética também é registro de um momento fortemente marcado por novas formas de abordar o mundo rural ou semiurbano. Daí a necessidade de se elucidar os vocábulos menos conhecidos pelo leitor atual.

Além da nítida referência ao modo de vida de um sertanejo em geral preso a pequenas cidades, a contística de Bariani Ortencio, feita à base de uma oralidade marcante, tem na sua forma traços de um registro do dia a dia da vida sertaneja no interior de Goiás. Mesmo em contos que possuem a estrutura tradicional da narrativa de poucas páginas, arrasta-se pelos textos um teor cronístico, pois neles não predomina um teor dramático. Seja no relato de emboscadas, nas negociações entre velhos conhecidos, no rejuvenescimento amoroso do velho coronel, nos conflitos que todo garimpo gera, na busca implacável de bandido, as narrativas de *Sertão sem fim* em geral declinam do tom dramático que o conto por vezes requer, para dar lugar a relatos que vão

compondo uma visão do interior do Brasil. Certamente, esse aspecto é resultado da forte influência que os cronistas estrangeiros deixaram na narrativa regionalista, a despeito de terem escrito seus relatos de viagem predominantemente no século XIX.

Considerando a importância do texto de Adolfo Casais Monteiro para a compreensão da narrativa de Bariani Ortêncio, uma de suas observações se aplica aos contos deste *Sertão sem fim*: são histórias de homens rudes. Essa formulação de síntese aponta para um aspecto também definidor do livro: a unidade formada pelas narrativas. Esses homens rudes sustentam uma concepção ideológica aplicada aos contos, cujo teor se vincula diretamente à formação do sertanejo em terras do Centro-Oeste brasileiro. Mas como autor que escreve na segunda metade do século XX, em alguns momentos Bariani Ortêncio aplica uma dose de anedota em sua narrativa, pondo em evidência que as justificativas da brutalidade já não estão na mesma ordem vigente no século XIX. O contista, dessa forma, apresenta um mundo desarticulado, em que os elementos de formação passam a ser vistos por um narrador com lente de desconfiança, uma vez que nessa narrativa se confrontam dois mundos: o do Brasil moderno do autor e o do Brasil arcaico de uma cultura regionalizada. O melhor exemplo é o conto “Primeira segunda-feira de agosto”, em que dois homens, contratados para assassinar um vizinho de um proprietário de terras, emplacam uma discussão sobre o dia da semana indicado no título, em pleno lugar da emboscada, e acabam numa luta inglória, com a morte de um deles. A circunstância do ato fatídico corre por

outra via que não a da justificativa de que, para se manter vivo entre os homens rudes, era preciso estar preparado para o confronto direto com um opositor, pois, no caso do conto, é da amizade inicial que surge a discórdia. O que era drama em outros tempos agora é anedota na visão de um narrador que não se surpreende com as coincidências que decorrem do fato inusitado.

Sertão sem fim é a reunião de doze contos que não estabelecem uma sequência narrativa no plano do enredo, mas que representam um conjunto de ações inseridas numa mesma ordem de concepção de vida, aquela enraizada em parte do mundo rural brasileiro. Para firmar essa máxima da obra, na primeira edição a capa recebeu os traços finos na ilustração de Hermano. Em desenhos delicados, o ilustrador apresenta sua visão do homem e seu animal, do casal sertanejo, do garimpeiro e sua bateia, além dos homens rudes em confronto. Bem diferente dessa primeira ilustração, para a segunda, J. C. da Silva criou telas para cada um dos contos, além de uma específica para a capa. Num diálogo estreito com as narrativas, as telas estampam momentos cruciais ali narrados. Mais diferente ainda, para esta terceira edição, que faz parte da Coleção Artexpressão, a Editora UFG reservou a criatividade de Kátia Jacarandá para desdobrar o que se narra em imagens, consubstanciando o texto numa arqueologia de signos e símbolos. Não foi a reprodução em imagem o objetivo da ilustradora, mas a interpretação certa do que está na essência de cada conto. Assim é que chega ao público esta edição de *Sertão sem fim*, com textos e ilustrações numa harmonia visível.